



VIRGÍLIO E A CONSTRUÇÃO DA IDÉIA DO IMPÉRIO ROMANO

Fernanda Amaral Meira¹

RESUMO

O principal objetivo desse trabalho consiste em apresentar uma comparação entre a Roma na época das grandes conturbações da passagem de República para Império, com a composição de uma epopéia (Eneida) a pedido do próprio Otávio, que mostraria os grandes feitos de uma sociedade resistente aos ataques gregos que acabou por destruir Tróia e erguer uma civilização que entraria para a história. A Eneida foi escrita por Virgílio e relata aspectos do cotidiano romano e as opiniões e sentimentos do próprio poeta sem perder o caráter político, já que Roma passava por um momento de crise e conflitos no qual o autor estava inserido. É preciso acentuar também que Virgílio enxergava em Otávio a esperança de dias prósperos, já que Roma passava por grandes problemas internos que se agravaram, primeiramente com a disputa de César e Pompeu, e posteriormente, de Otávio e Marco Antonio. O que pretendemos é realizar uma comparação a partir de uma obra literária (Eneida) e os textos históricos, que contém informações sobre as dificuldades que assolaram Roma de tal época, e assim provar que a associação da história com outras ciências afins constrói pensamentos e ideais que repercutem até os nossos dias. Os resultados causados por essa obra são os impactos que até hoje fazem da Eneida uma epopéia quase sempre trabalhada e estudada nos cursos de humanas, quando isso não ocorre, ela é pelo menos citada e comentada, tomando cada indivíduo ciência da sua existência e importância não só para os romanos, sem comentar, que ela foi aceita e aclamada pela própria Roma como uma espécie de justificativa da sua História.

Palavras chaves: Roma, Eneida, História.

ABSTRACT

The main objective of this paper is to present a comparison between Rome at the time of the great upheavals of the passage of Republic to Empire, with the composition of an epic (the Aeneid) at the request of Octavius himself, which show the great achievements of a society resistant Greek attacks that ultimately destroyed Troy and build a civilization that would go down in history. The Aeneid was written by Virgílio and reports on aspects of Roman daily life and the views and feelings of the poet himself without losing his political character, since Rome was a moment of crisis and conflicts in which the author was inserted. It must be stressed also that Virgílio saw in the hope of Octavian prosperous days, since Rome was undergoing major internal problems that have worsened, with the first race of Caesar and Pompey, and later, Octavian and Mark Antony. We want to make a comparison from a literary work (Aeneid) and historical texts, which contains information about the difficulties that plagued Rome from such a time, and thus prove that the association between history and other related sciences builds thoughts and ideals that reverberate to this day. The results of this work are caused by the impacts that still make an epic Aeneid almost always worked and studied in courses in the humanities, when it does not, it is at least mentioned and discussed, taking each individual knowledge of their existence and importance not only to the Romans, without comment, she was accepted and acclaimed by Rome itself as a kind of justification in its history.

Keywords: Rome, Aeneid, History.

¹ Estudante de Graduação em História da Universidade de Pernambuco, Campus Mata Norte – PE (fernandaa.amaral@hotmail.com)



Com o assassinato do líder militar e político da república romana, Júlio César, em 44 a.C., o equilíbrio foi rompido e assim foi dado início a uma crise que iria desencadear o começo do império em Roma. E foi durante esse período de mudança que viveu o poeta Públio Virgílio Marão².

Existia em Roma, e Virgílio também defendia a idéia de que César devolveria a prosperidade e a felicidade³, mas isso foi quebrado quando o ditador morre, deixando assim a camada popular insatisfeita, acirrando ainda mais a disputa entre os defensores de um governo pessoal e absoluto, e por fim, realizando mais uma vez uma divisão em Roma. Marco Antonio, Otávio e Lépido formaram o Segundo Triunvirato, que por sua vez tinha a função de restaurar Roma, como afirma Pierre Grimal: “(...) *Os triúnviros Antônio, Otávio e Lépido, receberam a missão de reorganizar Roma, de dar-lhes leis novas*” (GRIMAL, 1992. PP 50). Temos então um tempo marcado pela disputa pelo poder entres os triunviratos, que terá em Otávio, o sobrinho-neto de Júlio César, como vencedor.

É então que nos deparamos com Virgílio, poeta de grandes obras, e entre elas o poema épico romano: Eneida. Nesse período a sociedade romana estava dividida naqueles que apoiavam Marco Antonio ou aqueles que apoiavam Otávio, sem comentar o fim da república e o início do império. É nesse contexto que Virgílio que foi um dos grandes pregadores dos ideais morais do imperador, ajudou na construção da idéia do império, através da interação entre a filosofia e a Política romana. Para Virgílio, Otávio era o herdeiro de César e seria através dele que Roma retomaria a felicidade e a prosperidade.

Augusto tomou outras importantes medidas, como o estabelecimento de uma relação mais próxima com um grupo de poetas, na qual Virgílio pertencia, e ao longo do tempo o imperador também instituiu a “*Pax Romana*”, ou Paz Romana, como assim conhecemos. Na Eneida estão presentes fatos da realidade romana, e isso é possível perceber quando, por exemplo, o poeta relata que A batalha de Áccio marca a vitória de Otávio e acima de tudo o início do império de Augusto, ou seja, para ele seria o nascimento da Idade de Ouro Romana. O próprio Enéias, herói da epopéia, carrega consigo um escuro que tem a representação dessa batalha. Grimal nos relata o que acabou de ser dito:

“A idéia grandiosa concebida pelo poeta em 29 é transposta para o registro épico: a batalha de Áccio, no centro do escudo, era o coroamento de uma

² Públio Virgílio Marão (em latim Publius Vergilius Maro) nasceu em 70 a.C e faleceu em 19 a.C.

³ Ver. GRIMAL, 1992. PP 46



longa seqüência de episódios, desde Rômulo e a loba, até a divinização de César. Assim, a ordenação do poema é paralela ao desenrolar da História. Graças a Virgílio e através dele, os romanos tomavam consciência de seu lugar no universo e da ação que lhes fora confiada pela Providência(...)"(GRIMAL, 1992. vPP 234).

Podemos então perceber o caráter político que contém a Eneida, pois ela foi escrita ao mesmo tempo em que aconteciam os fatos. O que Roma buscava era algo novo, uma identificação própria, uma renovação na história de um povo que estava em transformação, e tudo isso é provado não só na batalha de Acácio, mas na lenda de Rômulo e na divinização de César, por exemplo. Como nos relatou Grimal, era a retomada da consciência de seu lugar e de importância histórica. E essa idéia grandiosa na qual Grimal cita, é a grandiosidade de Roma ter sua própria epopéia onde encontramos a exaltação do papel de seu povo, fazendo então surgir o desejo de identificação e mudança. Quando a imagem de César aparece no escudo de Acácio, é a representação do velho que está indo embora, para chegada do novo, que vai trazer a tão desejada paz e a felicidade de um povo, que no caso, nos liga a Otávio Augusto.

Virgílio nasceu em Mântua, cidade da Itália, em um período de insegurança, transformação, mudança, e recebeu influência das mais diversas partes, como filósofos, poetas e pensadores importantes da época. Assim como o povo romano, ele acreditava na mudança do quadro social romano, onde a violência, a ostentação e o luxo, dariam lugar a paz, a igualdade e a pureza.

E foi em Otávio que o povo encontrou essas marcas, representando assim o início de uma nova era, uma era marcada por alegria e, sobretudo desapego aos bens materiais. Quando já estava em condições de *vestir sua primeira tolga viril*⁴, Virgílio é mandado por ordem do seu pai para Milão, para que estudasse e tivesse contato com os melhores mestres e professores, pois existia em Roma a possibilidade de qualquer jovem que desejasse, pudesse então ascender socialmente e buscar sua melhoria de vida a partir da escolha da profissão que pudesse obter êxito e destaque, é o que destaca Grimal no trecho em que relata sobre a vida de Virgílio: "*qualquer que fosse a condição social do jovem, tivesse ele direito latino ou direito total de cidadão, devia seguir uma carreira(...)*". (GRIMAL, 1992. PP 27). Mostrando assim a mobilidade social existente em Roma, porém isso pertencia apenas aos cidadãos romanos.

Durante os anos que viveu em Milão Virgílio mostrou interesse pela matemática e pela medicina. No tempo em que escreveu sua obra poética foi inspirado por vários pensadores,

⁴ Representava a passagem para a idade adulta entre os romanos. Ver. GRIMAL, 1992. PP 25.



mas também serviu de inspiração para outros autores, como Luiz Vaz de Camões, ao escrever *Os Lusíadas* no século XVI d.C.

Existem alguns escritores que afirmam que Virgílio seria mero reproduzidor de seus influenciadores e amigos, como Polião, Mecenas e o Imperador Otávio, com as respectivas obras, *Bucólicas*, *Geórgicas* e *Eneida*, mas o que realmente encontramos em relação às obras virgilianas é um espírito que é singular do poeta em ligar suas obras aos vários detalhes e sentimentos, fazendo assim com que ele fuja da simples reprodução externa. Claro que os fatores externos tiveram sua importância na construção dos seus textos, aliás, não só os fatores, como também os fatos vividos por ele e as influências dos seus amigos. A *Eneida*, por exemplo, foi dedicada a Augusto, e sugerida por ele, e tem como uma das suas principais influências a ligação de amizade existente entre Virgílio e o Imperador, mostrando assim a preferência do poeta por Augusto.

Sobre essa discussão, Grimal referencia a posição da obra *Vida de Virgílio*, e aborda o seu pensamento sobre essa discussão, afirmando que: “*Ninguém pode pensar pelo poeta o poema futuro*” (GRIMAL, 1992. PP 120). Influências, como já dito, houve sim, influências estas que resultaram nas dedicações de suas obras aos amigos, Polião, Mecenas e Augusto.

“Quando lemos, na Vida de Virgílio, atribuída a Sérvio, que ‘Polião lhe propôs escrever poesia bucólica..., Mecenas, as Geórgicas..., e Augusto, a Eneida’, podemos perguntar qual foi a parcela de liberdade que sobrou para o poeta – no máximo a liberdade do artesão que trabalha como empregado. Mesmo que esta ou aquela pessoa tenha induzido Virgílio para esta ou aquela via, a verdade é que o poeta aceitou a sugestão – que só podia ser uma sugestão –, acatou-a, não porque fosse obrigado a fazer isso, mas porque ela correspondia à sua própria inspiração. Veremos até que ponto sua criação é determinada pelo amor que ele sente por ela, esse movimento que o conduz, que o anima e lhe permite superar todas as dificuldades. Ninguém pode pensar pelo poeta o poema futuro.” (GRIMAL, 1992. PP 120).

Podemos dizer que o que Virgílio fazia era aquilo que realmente despertava o seu interesse, pois ninguém dedicaria tanto tempo de sua vida para escrever sobre algo que não lhe agrada e mais ainda, sobre algo que não acreditava. A troca de informações e o acúmulo de conhecimentos são necessários para a formação de uma opinião própria, podendo até mesmo partir por parte de seus amigos, não deixando de ser uma forma inspiração ou formação ideológica. É por isso que Grimal nos diz que houve sim uma influência, mas que essas não mantêm distante do autor seu valor de criatividade, de espírito da Obra.

Os pais de Virgílio eram camponeses e por tanto ele conhecia de perto as necessidades do povo camponês, é nas *Geórgicas* que ele fala de todas as suas experiências de vida camponesa, e dedica essa obra a Mecenas, que era amigo de Augusto e participou ativamente



de sua ascensão ao poder. O apóio de Virgílio a Otávio é evidente, inclusive nas *Geórgicas* e nas *Églogas* (anterior às *Geórgicas*) ele expõe essa preferência, e ele demonstra isso.

“Entre os dois senhores possíveis do mundo que estava nascendo⁵, entre os dois herdeiros de César, escolhia Otávio. (...) Se dedicava, de fato, as suas *Églogas* á Otávio, da maneira como dissemos, não é por que este apareça (já é, de alguma forma, anacronicamente) como vencedor, mas por que simboliza tudo o que Virgílio deseja e cujo advento espera”. (GRIMAL, 1992. PP 101).

E foi Mecenas o responsável pela aproximação de Virgílio com Otávio, que fez crescer ainda mais nele o apoio pelo Imperador, que por sua vez pede para que ele componha uma epopéia. Desde sua juventude Virgílio desejou escrever esse tipo de texto, e esse desejo é claro quando ele escreve o *Mosquito*. “(...) se compararmos os dois poemas⁶, parece ser muito mais verossímil que Virgílio tenha retomado na *Eneida* o que apenas esboçara em sua juventude.” (GRIMAL, 1992. PP 69).

Para Grimal, os sentimentos e a forma com que ele entendia a religião e as filosofias mudaram bastante se compararmos ao período que ele escreveu as *Geórgicas*⁷. Já na *Eneida* ele se guiou por várias doutrinas, como afirma Grimal.

“Esses poemas são ‘épicas’ na medida em que contam feitos de caráter sobre-humano, realizados por alguma das personagens pertencentes à ‘memória coletiva’ das cidades, que estão em relação com as divindades – das quais se originaram e pelos quais são inspiradas – e que vivem em tempos em que o divino e o humano ainda não se distinguiram claramente é o tempo dos ‘heróis’, dos semi-deuses.(GRIMAL, 1992. PP 185)”

A *Eneida* foi escrita em latim e é dividido em 12 cantos, que conta a história de um sobrevivente da destruição de Tróia e ancestral do povo romano, Enéias. Enéias é então a imagem do povo romano, pois na epopéia ele representa alguém valente, além de ser um rei. O poeta usou da herança das lendas troianas, pois era um profundo conhecedor de Homero e dos trágicos gregos, para immortalizar a glória do Império Romano. Uma prova disso é que constantemente encontramos referências aos deuses, pois Tróia era politeísta, assim como Roma. Virgílio também foca na forma de como os deuses interferiam na vida de Enéias, como quando os seus planos não deram certos e ele foi obrigado a fugir de sua cidade em busca da terra prometida, e se depara com diversas dificuldades, tudo por acreditar que aquilo seria um castigo divino.

“Por muito tempo, na terra e no mar, estive à mercê dos deuses superiores, incitados pela ira sempre lembrada da cruel Juno⁸. Muitas provações,

⁵ Período em que Marco Antônio e Otávio disputavam o poder de Roma.

⁶ O *Mosquito* e a *Eneida*.

⁷ Ver. Grimal 1992. PP. 167-174.

⁸ Juno, deusa filha de Saturno, caracterizada por sua ira e crueldade.

também, sofreu na guerra, para fundar uma cidade e trazer os seus deuses ao Lácio”. (VIRGÍLIO. PP. 21)

A partir desse trecho compreendemos que os deuses eles podem interferir nos destinos, mas não mudá-los, e Virgílio mostra bem isso quando apresenta a Enéias a promessa de uma nossa terra, porém são os deuses que dificultam o encontro dessa nova nação, como vemos a deusa Juno, que *ela própria, lançando, das nuvens o rápido fogo de Júpiter, dispersou as naves, agitou o mar com ventos, erreatou-o e atirou-o.(...)(VIRGÍLIO . PP.21).*

Então encontramos a comparação que Virgílio faz de Enéias com Otávio, porque é nessa hora que o herói da epopéia fraqueja, mostrando o seu lado humano, de medo, dúvidas e angústias, com situações que não temos como controlar, e seria assim com o Imperador. Porém como já foi dito, o destino estar escrito e Enéias foi o escolhido para fundar a nova nação, assim como Otávio teria sido escolhido para restabelecer a paz em Roma.

Enéias era filho de Anquises e da deusa romana Vénus, ele foi um chefe troiano que tinha as características de uma sociedade: a religiosidade, a belicosidade e o empreendedorismo, ou seja, ele representava a própria sociedade romana. Virgílio por sua vez, prepara o herói para exercer o papel de fundador e é por isso que ele passa por várias provações, como: a perda da pátria, a perda da esposa, Cruésa, e a perda do pai. Na cena em que é relatada a perda de sua esposa no livro II, Creusá já previa o futuro do marido:

“Que vale a dor sobeja, ó doce esposo?
Sem nume isto não é: levar Creusa
Te veda o fado, o regedor sublime
Do Olimpo o não consente. Em longo exílio
Tens de arar vasto pego até à Hespéria,
Onde entre pingues populosos campos
O lídio manso Tibre inclina a veia.
Com saudades não chores da consorte:
Um reino ali te espera e uma princesa.
Nem eu, Dardânida e de Vênus nora,
Irei servir as Téssalas altivas,
Nem dolopéias damas: cá me impede
A grande mãe Cibele. Adeus, Enéias;
Todo na prenda nossa o amor emprega.”
(Virgílio, 2007.Livro II: Versos 812-825)

Porém, a construção desse herói não é sempre ligada a apenas pontos positivos, vemos que nem sempre Enéias encarou os fatos com bondade, um exemplo é o ódio pessoal que ele sentia por Turno, inimigo e assassino de Palas⁹. Mostrando que o outro lado existe e nem por isso ele é menos importante, mas de fato ele deve ser encarado com cautela. Comparando esse

⁹ Palas era filho de Evandro e chefe dos cavaleiros vindos para reforçar os exércitos troianos. Ver. GRIMAL, 1992. PP 251.



lado de Enéias com o Imperador Augusto, lembraremos que foi ele quem instituiu a *Pax Romana*, mas não podemos esquecer que ele também se envolveu em conflitos com Marco Antonio, como afirma Grimal.

“Mas aqui Virgílio era diante de uma dificuldade; certamente o mundo da guerra implica outros modos de agir, opostos aos que são exigidos pelo mundo da paz, mas Enéias, que o poeta, só mostrou como *pius*¹⁰, sensível aos valores da *humanitas*¹¹, dificilmente pode revelar-se, de repente, cruel, sanguinário, impiedoso. Mesmo que essa metamorfose esteja de acordo com a concepção romano do *bellum iustum*¹², nem por isso deixa de haver uma impressão de mal-estar (...)”. (GRIMAL, 1992. PP 251).

Assim como o Imperador Romano, Enéias muitas vezes tem que abdicar das paixões, dos prazeres para tomar algumas atitudes não muito agradáveis, tudo em nome do seu povo, do seu ideal e acima de tudo do seu destino. Enéias fez isso com Dido por que ele precisava seguir o seu destino, então prefere fugir a surdina de Cartago para evitar despedidas. O romance entre Dido e Enéias faz lembrar as tragédias gregas.

Segundo Grimal o ápice da trama é quando Enéias desce até o submundo, ao inferno, no livro VI, e lá lhe é revelado toda a sua linhagem sagrada, chegando até Augusto, ligando assim o Imperador ao mito e reforçando a idéia que ele é o herdeiro de Roma. “*O herói do poema será Enéias, claro, mas este se erguerá antes de Roma, no alto de uma linhagem que, de condutor de homens a triunfador, vem dar em Otávio.*” (GRIMAL, 1992. PP 190).

O caráter político da paz e da guerra está contido na obra de Virgílio, pois ele viveu em um momento em que Roma estava em conflitos e crise, primeiro o de César e Pompeu, depois entre Otávio e Marco Antonio. O poeta acreditava que César traria a paz, mas depois depositou essa confiança em Otávio com a morte do líder político da república romana, assim como Enéias também vai ser o responsável por essa restauração. O momento bélico que a epopéia possui é justificado por Virgílio e é denominado guerras justas, com o objetivo de instaurar a ordem política, como é dito por Grimal.

“Mas, com os seis últimos cantos, a epopéia sai das brumas as lenda para penetrar na realidade política. Até então Enéias sonhava com Roma, percebera seu fantasma nos Infernos; agora, vai começar a construí-la e, com ela, inaugurar uma ‘ordem’ política sólida, que se irá desenvolvendo através das gerações, até Cesar Augusto.” (GRIMAL, 1992. PP 239)

Grimal ainda nos faz um relato sobre a semelhança do papel de Enéias e os imperadores:

¹⁰ *Pius* em latim, "piedoso", "piedade".

¹¹ *humanitas* em latim, "humanidade".

¹² A noção de *bellum iustum*, reproduzida aqui, implicava a noção de "guerra defensiva", pois os exércitos romanos apenas reagiriam a um ato agressivo do inimigo.





“Condutor de um povo à procura de uma terra, Enéias é o intermediário escolhido pelos deuses e pelo povo para estabelecer a comunicação necessária entre o divino e o humano. Desempenha o papel que mais tarde pertencerá aos ‘imperadores’(...)”.(GRIMAL, 1992. PP 223).

A obra de Virgílio carrega consigo o profundo sentimento da construção do império romano. A partir da leitura da Eneida, observa-se esse profundo sentimento e a missão de pregar ao povo romano a divinização do império. O épico romano serviu para endeusar o povo romano, seja pelos seus feitos ou por nomes de grandes governantes como Júlio César e Otávio Augusto. E não podemos negar que o papel de Virgílio na construção do ideal romano – mesmo que esse ideal tenha sido encomendado pelo próprio Otávio – foi imenso.

A Eneida, que a principio seria para justificar Augusto, se tornou uma obra semi-sagrada para os romanos, e Virgílio agora ficaria visto como um profeta que trás a Idade do Ouro, o reino da justiça e da Paz. A epopéia foi escrita no momento de auge do Império de Augusto, porque era preciso eternizar e mostrar todas as dificuldades sofridas desde César, e principalmente das crises que atingiram Roma logo após a sua morte, até chegar ao momento de estabilidade que foi encontrada por Otávio Augusto.

Quando Virgílio morreu, ele ainda não tinha terminado a Eneida, logo também não havia publicado. Então ele pediu para Vário que se algo acontecesse com ele, sua obra deveria ser destruída, pois a julgava incompleta e imperfeita¹³. Mas Vário não fez isso, e a pedido de Augusto e sorte da literatura latina, ele se reuniu com alguns amigos de Virgílio e editaram a obra no ano de 19 a.C.

Os romanos passaram a admirar e exaltar um poeta romano clássico, autor da maior epopéia romana que narrava às origens de seu povo. Assim, Virgílio teve um importante papel na construção de Roma, e suas obras, por estarem tão próximas ao império romano, representou, devido ao fato também de Virgílio ser contemporâneo a este período, o nascimento e consolidação dessa nova fase política romana.

“Virgílio contribui muito, com cada uma de suas três grandes obras, para criar a idéia de uma Itália eterna, unida na cidade romana, uma Itália serena, pura e forte, naturalmente feliz na medida em que permanecesse fiel a suas vocações. (GRIMAL, 1992. PP 262)”

Assim, encerramos nossa análise sobre Virgílio, do qual retiramos a idéia de império romano um pouco diferente daquela que temos formadas pela disciplina história que é apresentada na formação regular do alunato. Que vai muito mais além do momento de república ou império, do senado, das guerras ou até mesmo do esplendoroso exército romano,

¹³ Ver. GRIMAL,1992. PP 261-262.





ou seja, mais além do que é “pregado” nas escolas. Virgílio se torna assim singular não somente por mostrar os fatos ocorridos, mas por misturar esses mesmos fatos com sentimentos, sentimentos estes que correm por toda Roma naquele período.

REFERÊNCIAS

GRIMAL, Pierre. Virgílio, ou o segundo nascimento de Roma. SP: Martins Fontes, 1992.

VIRGÍLIO. A Eneida. RJ: Ediouro.

VIRGÍLIO. A Eneida. Tradução: Manuel Odorico Mendes. SP: Martin Claret, 2007.

